

12-05-2022

Faz muito tempo em minha vida...

Sônia Gertner

[Comitê Fiocruz pela Acessibilidade e Inclusão da Pessoa com Deficiência.
Saúde do Trabalhador da Fundação Oswaldo Cruz]

Faz muito tempo, ainda bem jovem, no início de minha primeira formação como educadora, escrevi, para tarefa escolar, uma peça com a temática da inclusão de pessoas com deficiência. A história era sobre uma criança, à época chamada eufemisticamente de “excepcional”, cuja mãe lutava ferozmente por sua inserção escolar. A saga por ela vivida incluía romper preconceitos de todos os lados, a começar pela própria família - na figura do pai que abandonara a casa - ou na escola - onde lhe é negada a matrícula - e na sociedade em geral - com inúmeras portas fechadas. Toda sua luta é para simplesmente fazer valer o direito de seu filho receber educação ou mais do que isso ser contado entre os humanos. A criança na peça foi batizada pelo nome simbólico de *Ninguém*.

A luta era contra barreiras visíveis e invisíveis, mas certamente bem reais para aquela mãe e seu filho. Lutava sozinha como uma *Dom Quixote*.

Lembro-me ainda de o tema haver mobilizado toda minha família nessa empreitada escolar junto com minha equipe. Minha mãe, exímia costureira, nos ajudou na confecção de um boneco de pano em tamanho natural, que utilizamos como recurso teatral na caracterização. *Ninguém* era levado para lá e para cá por sua mãe, na luta para conquistar a educação, autonomia, identidade e cidadania e quantos mais direitos houvessem para um ser humano.

A cena final terminava com esse desafio posto para a plateia ao som da música *Sonho Impossível*, na voz de Maria Bethânia com tradução de Chico Buarque, do original *Impossible Dreams*, música inspirada na história de *Dom Quixote de la Mancha*.¹ Quixote é um símbolo dos sonhadores e idealizadores de um mundo sem injustiça de qualquer espécie, em que cada um tenha a liberdade de ser, pensar e viver do seu jeito próprio de ser.

Sonhar

Mais um sonho impossível
Lutar / Quando é fácil ceder
Vencer / O inimigo invencível
Negar / Quando a regra é vender
Sofrer / A tortura implacável
Romper / A incabível prisão
Voar / Num limite improvável
Tocar / O inacessível chão
É minha lei, é minha questão
Virar esse mundo
Cravar esse chão

Não me importa saber

Se é terrível demais
Quantas guerras terei que vencer
Por um pouco de paz / E amanhã,
se esse chão que eu bejei
For meu leito e perdão
Vou saber que valeu delirar
E morrer de paixão
E assim, seja lá como for
Vai ter fim a infinita aflição
E o mundo vai ver uma flor
Brotar do impossível chão.



Montagem a partir de um desenho de Pablo Picasso (1955)

Passados tantos anos dessa experiência, sou impactada pelo questionamento do professor Fadel - meu eterno orientador - na época eu havia terminado o mestrado e estava Coordenadora da Saúde do Trabalhador da Fiocruz, quando ele me interpelou: *qual é o projeto da Fiocruz para inclusão das pessoas com deficiência?* Recebi aquele questionamento como um soco no estômago. Após tanto tempo, eu não tinha resposta para aquela questão, inquietante desde anos atrás. Olhei para o lado, procurei essas pessoas na instituição, não tinham visibilidade, procurei dados, mas não haviam sido levantados, políticas nem pensar, não havia alunos, não havia trabalhadores, pelo menos não que estivessem na mira de ações inclusivas. Contudo nós é que éramos cegos, surdos e sem nenhum movimento junto a eles. Concluo que nós é quem somos os *Ninguéns*, que não nos importamos, não denunciemos, não nos mobilizamos. E estamos falando de uma instituição centenária de saúde pública, de pesquisa e formação, em especial para quadros profissionais do SUS. Ao procurar atentamente, por fim encontramos iniciativas importantes, isoladas, em algumas unidades da instituição. Olhando um pouco mais encontramos alguns poucos, bem poucos trabalhadores com deficiência circulando nos *campi* e atuando em seus postos. Indo um pouco mais adiante, para além muros, encontramos um potente grupo de pessoas que construiu um belíssimo percurso de luta, de resistência e de conquista de seus direitos. Descobrimos que a diversidade não é uma massa única, homogênea, mas é a própria beleza da vida, que nos desafia, que nos aproxima, que exige que estejamos mais abertos, “fora da caixinha” de nossa prepotência ou academicismo. Só então, enfrentando preconceitos de dentro ou de fora, descobriremos que temos um mundo a ser conhecido. Mas ele só pode ser apreendido junto às pessoas que vivenciam a deficiência como forma de ser e estar no mundo.

No processo de doutoramento, como na experiência de tantos, fui escolhida pelo tema da inclusão, que se tornou meu alvo e ao mesmo tempo meu farol para me juntar na luta pela destruição dos inúmeros moinhos de vento das injustiças que verdadeiramente existem por aí. Quase 40 anos depois do lançamento da música *Sonho impossível*, fui presenteada por minha filha (nova geração, mas que curte MPB) com o ingresso para o show de Maria Bethânia e o maestro João Carlos Martins – De Beethoven à Bethânia.

O maestro, ele mesmo um grande mestre pianista foi surpreendido pela deficiência. Lutando contra problemas diversos nas mãos desde a adolescência, já então celebridade internacional, sua vida foi a própria construção de um *Sonho impossível*, agora ao piano com luvas biônicas ([veja](#)). Além da emoção do primeiro evento pós-pandêmico, estreando uma casa de show lotada, eis que Bethânia abre a apresentação com esta música, dizendo que não poderia ser outra diante do que estamos vivendo em nosso país. Foi como um filme que passou por minha mente e coração.

Lembrei-me que esta música foi lançada em plena ditadura e cantá-la era uma forma de sermos e fazermos resistência, de nutrirmos a esperança e de reafirmarmos que teria valido a pena lutar para voltar a viver sem medo de perder a liberdade. Hoje, precisamos lutar contra o risco da perda de direitos conquistados a duras penas, em especial pelos movimentos de emancipação das pessoas com deficiência. Neste ano de eleição para presidente vivemos novamente o desafio de lutar incansavelmente para que a democracia seja vencedora nas urnas, que o fascismo seja desmascarado em todas as suas faces ambíguas e violentas.

Para isso, vamos precisar de todos os “quixotes” de plantão.

Nota: *Um Sonho Impossível*, versão de Chico Buarque de Holanda e Ruy Guerra da canção *The Impossible Dream* (Joe Darion e Mitch Leigh), foi escrita para o musical, baseado em *Dom Quixote de La Mancha*, livro clássico de Miguel de Cervantes, de 1615. O musical estreou na Broadway, Nova York, em 1965 e sua versão no Brasil em 1972. A música, eternizada como hino, exalta a luta por um ideal, a utopia e a fidelidade aos próprios sonhos de justiça e liberdade.

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.